

## ADULTÉRIO E PROSTITUIÇÃO

# Debate não é confusionalismo

Dom. 10/10/82

Têm sido publicadas no «Domingo» e na TEMPO cartas que são, ou respostas a um tal João Vaz ou reflexões sobre a sua carta.

É natural que isso aconteça dado que sobre a referida carta o jornal introduziu uma Nota de Redacção sobre o exagero do sr. Vaz ao focar determinados aspectos.

Como Mulher e como moçambicana senti-me ofendida pelo profundo desprezo pela Mulher que muitas cartas demonstram, desvalorizando o seu papel como Mãe, Esposa, Educadora, Trabalhadora e Cidadã, que diariamente trava uma batalha pela sua libertação.

Em conversas com colegas e amigas apercebi-me que a opinião delas era também muito desfavorável:

—Acredita que esse homem deve ter perturbações mentais, não deve gostar das mulheres — dizia uma.

—Se eu soubesse escrever tudo, o que sinto e vejo juro que lhe diria das boas — desabafava outra.

E as conversas eram todas sobre as críticas destruidoras que em nada construíam. Pensando no assunto deixei passar uma semana aguardando as respostas que o jornal publicasse. Todas elas, no jornal Domingo destóiem o tal «estudo analítico» do Sr. Vaz e algumas são críticas directas e pessoais a um problema que é de carácter social e com isso, pessoalmente discordo.

E discordo porque afinal de contas a carta foca cenários da vida real, apenas confunde as causas com os efeitos, rodando em círculo vicioso de efeito para efeito chamando causas aos efeitos.

Por outro lado aponta soluções tão bárbaras que, quanto mais não seja, esquecem que a sociedade que estamos a construir tem um projecto que «é uma alternativa civilizada» à selvajaria de regimes que se dizem avançados. Estamos no Século XX, somos subdesenvolvidos, mas não é obrigatório que as nossas mentalidades o sejam.

Na verdade o Sr. Vaz — e outros que compartilham os seus pontos de vista — não sabem fazer contas ao calcular as percentagens das mulheres adúlteras e prostitutas. Se fosse como dizem estava o Comité Central debruçado a resolver o grave problema da prostituição em Moçambique.

Os leitores que escrevem no tom do Sr. Vaz devem, antes de abordar tão delicado assunto, consultar:

**Dados estatísticos.** Conhecem o censo populacional? Falaram com gente que esteve ligada ao recenseamento? Só assim se pode conhecer a quantidade de mulheres que os rodeiam, a sua localização geográfica, sua profissão e estado civil. Podem então tirar conclusões sobre quantas e quais são as interessadas na Interfranca «nos mais sapatos e nos vestidos transparentes e sem soutien». Mudavam de ideias porque iam verificar que a larga maioria está interessada em procurar soutien, meias salas e par de sapatos.

**Organizações democráticas de massas.** Interiravam-se assim dos problemas que o país atravessa socialmente e da forma como tentam debelar o mal.

**Debates com a população.** Contactos com o povo evitariam essas

cartas veiculando ideias pessoais e emotivas.

Posto isto, tentarei de acordo com o tal «estudo analítico» dar uma contribuição ao combate contra o «novo tipo de prostituição» analisando as causas dos factos que aponta:

**Adultério** — é uma infidelidade conjugal por parte do marido ou da esposa. As suas causas são entre outras:

— Incompatibilidade sexual do casal.

— Deficiente situação financeira do orçamento familiar, não permitindo manter o lar e os filhos.

— Os casamentos forçados e prematuros, com grande diferença de idade entre o marido e a esposa, casamentos feitos segundo a tradição.

— Ausência prolongada de um dos cônjuges.

— Desrespeito e desconhecimento das obrigações do casamento.

O adultério só tem relevo na união monogâmica — casamento entre um homem e uma mulher. Na união poligâmica, a aplicar o mesmo critério, o homem é sempre adúltero porque dorme com várias mulheres e a mulher é sempre adúltera na medida em que dorme com o marido das outras. Não virá da aceitação social da poligamia, que dá ao homem o direito de dormir com várias mulheres, a

«moral» desigual dos homens, que não tem em conta o Artigo 25 da Constituição da RPM que consagra a igualdade entre ambos os sexos?

Os leitores esquecem a realidade social dominante em Moçambique, a da larga maioria e só vêem as das cidades e por isso podemos dizer que têm as vistas curtas.

Assim afirmam que as mulheres praticam adultério com o padreiro, o merceiro, o homem do talho, da cantina, do bar, visando obter o pão, a caixa de cerveja, o bife. Esquecem-se de nos informar se os maridos dessas adúlteras não comem o pão e o bife e não bebem a cerveja.

Dizem também que «elas querem tacos para a modista e o cabeleireiro todas as semanas e isso o homem não atura» por que não atura? Não gostam de ver as mulheres bem vestidas e bem penteadas? Não, eles gostam de apreciar as mulheres bem vestidas e penteadas e essas são as dos outros.

Acusam outras de se amantizarem com «grandes e pequenos vizinhos», «inadaptados sociais», «amigos de conflitos». Por que será que essas mulheres os acham atraentes? O que os torna capazes de satisfazer essas esposas que pelos vistos não se sentem satisfeitas? É bom também colocarem essas perguntas e reflectirem.

## A PROSTITUIÇÃO

Será a prostituição uma causa do adultério? O que é a prostituição? Prostituição é a prática de relações sexuais em troca de dinheiro ou qualquer bem material ou vantagem, uma relação sexual que não é motivada pelo amor entre duas pessoas.

Não me parece que a prostituição seja causa do adultério, ela é antes causa para o divórcio. Se a mulher casada pratica prostituição (vende-se) e o marido sabe dessa prática e continua com a mulher, das duas uma, ou também se aproveita disso, ou casou-se com uma prostituta e gosta dela. Doutra forma não se justifica um casamento nessas condições, dado que existem fundamentos suficientes para o divórcio.

Muitas prostitutas são amantes de homens casados que com elas dispendem dinheiro que tantas vezes faz falta no seu lar, à sua esposa e filhos. Esses homens são adúlteros. Mas não se falam nos jornais do adultério por parte do homem porque nem eles teriam espaço para tantas queixas das mulheres. As esposas dos adúlteros também teriam de gravar uma cassette com perdões para não se cansarem de dizer todos os dias, «EU PERDOO-TE PORQUE GOSTO DE TI».

Rosa S.

Estudante-trabalhadora, esposa e mãe